

EDUCAÇÃO (IN)SENSÍVEL AMAZÔNIA NOS ANOS DE (1920-1950) DO SÉC. XX: TRAVESSIAS DE VIDA E VIVÊNCIAS DE ALFREDO, DO CAROCINHO DE TUCUMÃ AO GINÁSIO

Leomax Cardoso Machado¹

Resumo: O trabalho tem como objetivo apresentar algumas vivências do processo Formativo e Educativo de Alfredo, sob a égide dos “raios” de uma formação dos saberes (in)sensível na/da Amazônia, dos anos de 1920-1950, do séc. XX. A partir fragmentos que atravessam os romances: *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), *Três Casas e um Rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963) e *Primeira Manhã* (2009), do escritor Dalcídio Jurandir (1909-1979). No espaço e tempo de um romance de formação, guiados pelo protagonista romanesco pelas zonas rurais (Arquipélago-Marajoara) e as zonas urbanas e periféricas, de uma capital, Belém-PA. A pesquisa centra-se sobre o método dialético, com o tipo de investigação de cunho bibliográfico, documental, qualitativo, centrado nas bases metodológicas, de Lüdke e André (1986). E sobre as bases teóricas, os campos de estudos da crítica literária, romance, literatura, educação e discurso, alinhadas sobre as percepções de leituras de Lukács (2000-2015), Bakhtin (2003, 2010, 2015), Moretti (2009), Jurandir (1940-1960-1963-[1967] 2009). O estudo, nos ajuda refletir, contextualizar e sugerir uma conduta frente às ideologias eurocêntricas instaladas nas entranhas de nosso Brasil e os “brasis” que se (re)criam enquanto epistemologias de saberes, estéticas de arte-literária que descreve, aponta e denuncia na ficção os fatos, essa verossimilhança anunciam as severas crises e problemáticas sociais

¹ Doutorando em Educação (PPGED-UFGA/2020-2024). Endereço eletrônico: leomaxmachado@gmail.com.

emergindo sobre uma educação do (in)visível e (in)sensível no universo da amazônia paraense do séc. XX.

Palavras-Chave: Educação. Literatura. Romance. Dalcídio Jurandir. Amazônia.

LA EDUCACIÓN (IN)SENSIBLE EN LA AMAZONÍA EN LOS AÑOS (1920-1950) DEL SIGLO XXI XX: LOS CRUCES Y VIVENCIAS DE ALFREDO, DEL CAROCINHO DE TUCUMAN AL GIMNASIO

Resumen: El objetivo de este trabajo es presentar algunas experiencias del proceso Formativo y Educativo de Alfredo, bajo la égida de los "rayos" de una formación de saberes (in)sensibles en/desde la Amazonía, de los años 1920-1950, del siglo 19. XX. De fragmentos que cruzan las novelas: Chove nos Campos de Cachoeira (1941), Três Casas e um Rio (1958), Belém do Grão-Pará (1960), Passagem dos Inocentes (1963) y Primeira Manhã (2009), del escritor Dalcídio Jurandir (1909-1979). En el espacio y el tiempo de una novela de formación, guiada por el protagonista novelesco por las zonas rurales (Arquipélago-Marajoara) y las zonas urbanas y periféricas, de una capital, Belém-PA. La investigación se centra en el método dialéctico, con el tipo de investigación de carácter bibliográfico, documental, cualitativo, centrado en las bases metodológicas, de Lüdke y André (1986). Y sobre la base teórica, los campos de estudios de crítica literaria, novela, literatura, educación y discurso, alineados en las percepciones de lecturas de Lukács (2000-2015), Bajtín (2003, 2010, 2015), Moretti (2009), Jurandir (1940-1960-1963-[1967] 2009). El estudio nos ayuda a reflexionar, contextualizar y sugerir una conducta frente a las ideologías eurocéntricas instaladas en las entrañas de nuestro Brasil y de los "Brasiles" que se (re)crean como epistemologías

del saber, estéticas del arte literario que describen, señalan y denunciar en la ficción los hechos, esta verosimilitud anuncia las severas crisis y problemas sociales que emergen sobre una educación de lo (in)visible e (in)sensible en el universo de la Amazonía paraense en el siglo XX. XX.

Palabras Clave: Educación. Literatura. Novela. Dalcídio Jurandir. Amazonas.

Introdução

[...] o raio também vai me abrindo um caminho”
(JURANDIR, 2009, p. 34)

Em um primeiro momento (antes do desencanto), tomamos de empréstimo uma passagem de *Primeira Manhã* (2009) em que Alfredo demonstra o encanto e o sonho frente ao novo, o lugar: “cheirava a sapato novo”², depois, em outro trecho; em um garimpo sente-se “sem rumo”³: “a pé, e de qualquer, [para] aproveitar as pernas”⁴. Neste sentido a partir da epígrafe apresentamos de forma descritiva as delicadas e finas ironias tecidas pelo escritor Dalcídio Jurandir (1909-1979)⁵ em seus romances, pertencentes ao Ciclo Extremo Norte (CEN)⁶, sobre cinco obras: *Chove nos Campos de Ca-*

² Jurandir, 2009, p. 42

³ Jurandir, 2009, p. 207

⁴ Jurandir, 2009, p. 207

⁵ Filho de Alfredo Pereira e Margarida Ramos, Dalcídio Jurandir Ramos Pereira nasceu na Vila de Ponta de Pedras, situada na Ilha de Marajó, no estado do Pará, em 10 de janeiro de 1909. Em 1916, começou a sua viagem pelo mundo da leitura, lendo os livros se tornou poliglota e amante da literatura russa, inglesa, francesa e as nacionais que lhe deram pulsos fortes e bases para escrever a sua saga romanesca publicando 11 livros, além de atuar como jornalista, redator, diretor, correspondente, romancista, cronista e comunista.

⁶ *Ciclo Extremo Norte*. São romances de teor universais, uma vez que desnudam diante do leitor conflitos humanos, o conflito entre eu e o eu, eu e outro, o eu e o mundo sobre os ambientes, espaços e tempos reais, psicológicos/memorialísticos em distintos aspectos que os levam a conflito. Presentes sobre as seguintes obras: *Chove nos campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1941. *Marajó*. Edição crítica. 2. ed. Belém: CEJUP, 1991. *Três Casas e um Rio*.

choeira (1941), por ser o romance embrião, considera-se o nascimento do protagonista Alfredo, em *Três Casas e um Rio* (1958) os anseios e desejos de ir para Belém (PA) estudar, fugir da realidade pobre e miserável nas ilhas do arquipélago marajoara mencionados no romance como Marajó.

No romance *Belém do Grão-Pará* (1960), o contexto apresentado pelo protagonista são as diversidades de vivências e experiências em ambientes urbanos e periféricos de Belém (PA), bem como, poderemos compreender no romance *Passagem dos Inocentes* (1963), as implicações humanas e dores do eu frente às novas realidades, com descrições narrativas de adaptação do protagonista ao rigor das etiquetas sociais e formativas, por vezes doloridas de Alfredo em Belém. Por fim, tomemos de empréstimo os horizontes de leituras do romance *Primeira Manhã* ([1968], 2009) considerado o divisor de águas, para a formação, encanto, descoberta, desencanto e decepção de Alfredo frente a uma educação (in)visível e (in)sensível que não lhe vale o diploma.

Neste sentido, o objetivo neste artigo é sugerir uma compreensão, discorrer e apresentar algumas vivências do processo Formativo e Educativo de Alfredo, sob a égide dos “raios” de uma formação do (in)sensível na/da Amazônia do séc. XX. Nossas indagações estão centradas sobre o protagonista *Alfredo*, apresentando-se como um ser que nos leva a questionar a nossa própria realidade, questionar as desigualdades, preconceitos e discriminações, desemprego, exploração, má formação, invisibilidade e desconhecimento do ser humano como o próprio ser humano, essas inúmeras problemáticas sociais, formativas e educativas, sistêmi-

3. ed. Belém: CEJUP, 1994. *Belém do Grão Pará*. Belém: EDUFPA. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. *Passagem dos Inocentes*. São Paulo: Falangola, 1984. *Primeira Manhã*. Belém: EDUEPA, 2009. *Ponte do Galo*. Rio de Janeiro: Martins, 1971. *Os Habitantes*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976. *Chão dos Lobos*. Rio de Janeiro: Record, 1976. E por fim, *Ribanceira*, Rio de Janeiro: Martins, 1978.

7 Protagonista de 9 (nove) romances dos 10 apresentados no Ciclo Extremo Norte de Dalcídio Jurandir.

cos e ideológicos fazem dos homens e mulheres amazônidas são alvo de manobras de forças e poder.

Porém essa visão distorcida sobre a “Gente Amazônidas”, escancara e desnuda um país as migalhas de um sistema colonial de poderes totalmente manipulados pelas ideologias eurocêntricas dos homens brancos. Esse apagamento sociocultural pode ser ressaltado se tivermos a sensibilidade de enxergamos o outro, eu e o mundo com mais humanidade, observar nas entrelinhas do jogo de forças, seus contextos, tempos e espaços em constante conflitos ideológicos, de enunciados, nas tramas, nos dramas históricos, nas narrativas autodescritivas, mencionadas pelos romances de Dalcídio Jurandir (1909-1979), bem como, em sua universalização a partir do jogo denunciativo entre o protagonista e seus personagens secundários. Nos romances, ganham legitimidade sobre o ato de relatar, descrever os fatos e deletar as drásticas realidades vivenciadas no interior de nossos “brasis”, nas décadas de 20 a 50, do séc. XX.

Aos passos de Brasil alienado pela força do capital, explorado até a alma por ideologias políticas de um processo imperial e republicano ao manter o processo de poder exploratório, colonial e escravista de mão de obra. Alcança seu extremo ao ser silenciado por um regime militar e suas agudas crises socioculturais do emparelhamento do estado, são os espelhos de uma cortina de ferro que amordaça a massa, coage e exilando intelectuais que venham ameaçar o seu poder. Educação da bala e pólvora, são as razões para uma educação vigiada, controlada. Cabendo aos subversivos, a defesa de um modelo de educação popular, humano e sensível à realidade de cada região é sobre esse contexto que a educação em nosso país caminha. No entanto, coube aos intelectuais paraenses, uma guinada de resistência, nomes com dos escritores, Bruno de Menezes (1893-1963)⁸ e Dalcí-

⁸ Grupo de intelectuais, jornalistas e escritores paraenses.

dio Jurandir (1909-1979) ganham destaque e ecos, por se manifestarem e posicionamento a partir do movimento modernista no Pará. Rebelando-se de forma expressiva ao rebater as opressões de um sistema de poder com a força das letras, a arte-literária, arte nova, novo estilo.

Esse movimento estético de expressão moderna tem sua legitimidade a partir do grupo da “Academia do Peix-Frito”⁹, considerados exemplos de resistências ao expressar na arte-literária, em especial nos mais distintos gêneros literários a sua força contra o sistema vigente da época. Dalcídio Jurandir apresenta em seus romances de forma densa, clara e descritiva contra as desordens, opressão e barbárie contra o ser humano e seus sociais, além de mencionar as suas problemáticas e apontar os percalços de uma educação silenciada e puramente eurocêntrica. O personagem Alfredo, o protagonista dos romances aqui apresentados, pode ser caracterizado sobre o campo de estudo *ficto* e *facto*, metáforas de vivências, experiências, modos de vida, dos homens/mulheres no interior da amazônia, trás a tona as ácidas e caóticas problemáticas do homem universal, periféricas, de uma realidade “simples” e ao mesmo tempo extrema, dos horizontes de saberes banhadas sobre as profundezas de vida do eu interior, frente ao exterior do outro e o mundo. Suas descrições são densas, sob uma dose de irônias denunciativas que retratam com vivacidade os aspectos da realidade da gente de pé no chão.

Desse modo, a obra dalcidiana desnuda as desigualdades de uma realidade história e relata o legado excludentes deixadas na história que as obras, os romances recuperam com êxito pelas narrativas dos textos, as entrelinhas das palavras e as descrições contadas pelas histórias de seus personagens e o protagonista. Nosso objeto de estudo se ancora nas bases teóricas da crítica literária, estudos do romance,

⁹ Escritor paraense.

literatura, educação e discurso em Lukács (2000); Bakhtin (2003, 2010 e 2015); Moretti (2009) por entendermos que são autores essenciais que nos auxiliam na compreensão e legitimação do objeto pesquisado. As percepções teóricas recaem sobre os estudos e análise sobre os textos/obras dalcidianos. Para Lukács (2015, p. 124) “a vida faz-se criação literária, mas com isso o homem torna-se ao mesmo tempo o escritor de sua própria vida e o observador dessa vida como uma obra de arte criada. Essa dualidade só pode ser configurada liricamente”.

Dessa forma, o estudioso considera que o herói romanesco tem a alma maior que o mundo e que a desilusão é a riqueza da alma, “renuncia a todo papel na configuração do mundo exterior” (LUKÁCS, 2015, p. 123), ao mesmo tempo em que considera que:

o romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesmo, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência (LUKÁCS, 2015, p. 91).

Para Bakhtin (2003-2010-2015), retomamos aspectos presentes em obras como *Estética da criação verbal* nos interessa por se ocupar de aspectos *do romance de educação*, presente no capítulo II do referido livro, tem como proposta apresentar alguns pontos significativos que nos auxiliaram no e com diálogos para o nosso objeto de estudo. O tema de *A imagem do homem em formação* no romance é o nosso foco principal, por compreendermos que as leituras dos elementos substanciais para a formação do homem exigem grandes variáveis e grandezas constantes. Essas grandezas ou elementos ganham força com o tipo de Romance de Formação, classificados como: *romance aventureiro ou idílico, romance cíclico, romance biográfico ou autobiográfico, romance didático-pedagógico e o romance de formação histórico*.

No romance de *tempo aventureiro ou idílico* se observa claramente a “trajetória do homem entre a infância e a mocidade e entre a maturidade e a velhice, revelando-se todas as mudanças interiores substanciais no carácter e nas concepções de mundo que o homem se processa, com a mudança de idade” (BAKHTIN, 2003, p. 220). No tocante a leitura de Moretti é fundamental as considerações sobre a *Cultura do romance*:

Oscilando entre engano e crueldade, entre doença e remédio, o romance encontra um compromisso duradouro nas construções razoáveis do “verossímil”; no período máximo esplendor, digamos entre Austen e Dostoiévski, no mundo romanesco se apresenta como um mundo no qual se pode acreditar — restabelece, em outras palavras, uma imagem tranquilizadora do mundo, produto de uma classe que cada vez mais reconhece a si mesma e cada vez mais relega o “bizarro” sobre si mesmo; mas embora forneça à burguesia o mais convincente dos espelhos, a vocação do romance não é tranquilizar: é de preferência, a de verter o impossível no real, ou de descobrir no real o absoluto, sem nunca encontrar paz (MORETTI, 2009, p. 183-184).

A narrativa de ficção formula as próprias leis sob as quais se desenvolve, cabe ao receptor conhecer as suas possíveis normas, aos receptores cabe ainda tarefa de ressignificá-las. No que se refere ao carácter dinâmico das transformações, bem como do acúmulo de experiências que geram mudanças qualitativas no protagonista, todos esses eventos passam a ser inferidas desde seu modo de vida, passando pelas experiências que o levam a caminhos diferentes, em busca de realizar um sonho de “ser ginasião”. A novidade aos olhos de Alfredo constrói uma nova visão de mundo, apesar de suas inúmeras dificuldades enquanto sujeito frente “as arapucas” de uma realidade urbana e periférica em Belém (PA). Para tanto, nosso objeto de estudo se ancora em uma proposta dialética formulada a partir dos princípios lukácsia-

nos e bahktinianos, sobre seus conceitos teóricos e metodológicos, ambas as leituras fazem perceber o nível de criticidade a partir de sua abordagem, a dialética sobre os romances em questão, supre nossas indagações e verticaliza e horizontaliza o campo de interpretação ao se aplicar no romance de Dalcídio Jurandir.

Entendemos que assim em busca de compreender as percepções de leituras descritas de forma explícitas e implícitas nos romances do escritor é necessário acornar-se sobre a sua dialética existencial em seu protagonista Alfredo e os mundos por ele sonhados, vividos e experiencializados. É a partir dessa ideia que podemos mencionar:

O entendimento dialético do conhecimento como processo inclui não só a possibilidade de conhecer, no curso da história, novos conteúdos, novos objetos, os quais não conhecemos até agora, mas também de que surjam novos conteúdos, que só serão conhecidos por intermédio de princípios do conhecimento também novos [...] Compreender o processo de conhecimento de modo dialético, como processo, temos de compreender também esse processo concomitantemente como *parte* do processo social objetivo de desenvolvimento. Isto é, temos de compreender que o “o que”, “como”. O “até onde” etc. do conhecimento são determinados pelo estágio de desenvolvimento do processo objetivo de desenvolvimento da sociedade (LUKÁCS, 2015, p. 91-92).

Nesses moldes, a teoria do romance é “a problemática da forma romanesca é a imagem especular de um mundo que saiu dos trilhos”. Dessa forma, optamos pela seguinte terminologia: a “dialética em [que] tudo se transforma”, pois, é concebida como movimento e qualidade de todas as coisas. Por exemplo, o processo de transformação de uma causa ou luta interna como fenômeno entre a sociedade e a natureza frente a uma dada realidade. Para Bakhtin (2015, p. 52) a unidade dialética congrega os princípios da “interação das

partes”; as leis do movimento ou singularidade; a mudança qualitativa. A unidade e a luta dos contrários assumem uma unidade oposta que reflete e refrata a realidade: “o discurso surge no diálogo como sua réplica viva, forma-se na interação dinâmica com o discurso do outro no objeto. A concepção do seu objeto pelo discurso é dialógica”. Diante disso, assumir tais posicionamentos diante desse objeto de pesquisa é assumir que a linguagem é parte integrante da dialógicidade do romance.

Em Dalcídio Jurandir, vemos que essa dialética é vista como o processo de transformação de Alfredo frente aos mundos tão distintos, trajeto que faz do campo para a cidade; na transição de menino até a idade adulta; no seu contato com a educação, com o ensino e o contato com diferentes saberes científicos-Epistêmicos e não Científicos-Senso comum. Essas são algumas dicotomias que pulsam no contexto narrativo de Dalcídio Jurandir. O tipo de investigação desenvolvida no contexto desse trabalho propõe uma análise do processo de Educação e Formação de Alfredo, tendo em vista as distintas narrativas apresentadas sobre diferentes problemáticas de leituras, discurso, palavras, escrita e a fala de seus personagens que executam diferentes vozes coexistentes no romance.

O instrumento de coleta se desenvolveu a partir de uma pesquisa documental, caracterizada como o próprio nome sugere, por um levantamento de documentos técnico-científicos disponibilizados por meio de materiais que servem como documento físico ou digital. Segundo Lüdke e André (1986, p. 38) a pesquisa documental ainda é pouco explorada pelos trabalhos de pesquisa. A trama narratológica do protagonista é fundamental para que se tenha uma compreensão de sua trajetória frente aos romances, é importante que se revise os seguintes romances: *Chove nos campos de Cachoeira* (1941); *Três Casas e um Rio* (1958) *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagens dos Inocentes* (1963), *primeira manhã* (1967 -2º

Edição, 2009), com o objetivo de esclarecer muitos dos discursos e fatos presentes na memória (lapsos) de Alfredo, entre o intervalo do “carocinho de tucumã” ao “ginasiano”, nos seus romances, é que situamos no tópico a seguir o processo de formação e educação vivenciados pelo protagonista Alfredo ao ressaltar “desce, raio, acende o rumo, me escancara esta porta” (JURANDIR, 2009, p. 137).

Neste contexto, este trabalho encontra dividido sob um tópico: Os “raios” de uma formação do (in)sensível na/da Amazônia, descrevemos em dois subtópicos, um voltado aos fragmentos dos romances que retratam as vivências, experiências de uma educação no interior do Estado do Pará a partir dos fragmentos do *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941) e *Três Casas e um Rio* (1958). E outro subtópico relacionado às experiências, formação e os impactos de uma educação nos fragmentos dos romances: *Belém do Grão-Pará* (1960), *Pasagem dos Inocentes* (1963) e *Primeira Manhã* (2009) que retratam uma educação (in)sensível entre sonhos, desejos e desencanto na formação do protagonista Alfredo. A seguir os horizontes de leituras sobre os campos de vivências, formações e tipos de educação por ele banhado sobre a ótica crítica de seu narrador e escritor sobre as miseráveis e angustiante vida de sua gente em uma cidade da capital do Estado do Pará, em decadência e inúmeros problemas sociais, universais e educacionais, presentes na vida e na realidade de homens e mulheres ao norte do Brasil.

Os “raios” de uma educação há de devir na/da Amazônia

Sabemos que os romances de Dalcídio Jurandir apresentam uma densa trama, ao mesmo tempo em que prima por uma narrativa lenta, monótona e profunda sobre o eu diante do mundo, no qual, conduz o leitor a acompanhar distintas histórias que se multiplicam no decorrer do texto. Além disso, um dos recursos que o autor explora é o *flash-*

back, isso porque grande parte do romance explora a memória das personagens. Alfredo, menino ansioso, inquieto, sonhador, atento às vozes que situam e recriam o seu próprio universo. Universo este de diversos mundos de imaginação psíquica, ficcional e representativa que ultrapassam os limites do eu na sua relação e interação com o mundo. Estas particularidades sentimos ao ler a arte literária do escritor, considerado por muitos críticos como exímio observador; atento aos detalhes da realidade amazônica.

Nesta mesma linha, algumas características nos serviu para apresentar o quanto é fundamental as experiências e vivências de Alfredo em espaços rurais e campestres de Marajó e urbanos e periféricos, de Belém (PA) definidos sobre dois subtópicos: Educação nas fronteiras e no entre-lugares em Alfredo e Alfredo e a educação na margem, uma linha tênue entre saberes, além das considerações finais e referências.

Educação nas fronteiras e no entre-lugares em Alfredo

Alfredo das feridas agudas, das dores da alma, da angústia humana e das duras realidades dos ambientes urbanos, campestre e interioranos. Ainda menino é em *Chove nos campos de Cachoeira* (CcC) como: filho de mãe preta D. Amélia, e pai branco, Major Alberto: “vinha dos campos queimados, a terra preta do fogo e os gaviões caçavam no ar os passarinhos tontos” (CcC, p. 14) estonteante era a vida em Cachoeira, na qual Alfredo (re)cria, de modo bem original, o seu mundo em um carocinho de tucumã.

No folhear dos catálogos, de Major Alberto, Alfredo sentia folhear a sua vida, queria ser diferente, queria ter pernas limpas, não se aceitava como sujeito ao ser ferido, feio, febril que lhes cansavam e os deixavam mofino no fundo da rede. O menino doentil e frágil, aos cuidados de sua mãe, sobrevive diante de altas febres que lhe dava de modo cons-

tante, um exemplo de dor, aprendizagem, experiência, exclusão, negação, às margens de uma (in)sensível educação e formação no contexto de Marajó, retratos das metáforas dos homens e mulheres do/ao Norte de nosso país. Negado, excluído, implicava por ser moreno “mas se ofendia quando o chamavam de branco. Achava uma caçoada de moleque (CcC, p. 19).

Alfredo aos traços de saberes e modos de vida, sofre discriminação e preconceito, tantas vezes visto como menino estranho à própria realidade, por não fazer parte da realidade de muitos meninos(as) que não possuíam um chalé, Alfredo (re)cria mundos. Por ser filho de um major em Cachoeira, Alfredo é visto como hipócrita, rebelde e filho de doutor. Por essa razão, não vivencia as constantes experiências dos meninos de sua tão presente realidade. No fragmento a seguir podemos inferir:

Henrique não estava caçoando. Para ele era tão natural que Alfredo parecesse branco. Não mora num chalé de madeira, assoalhado e alto? Era filho do Major Alberto, tinha sapatos. Alfredo não comia passarinho balado. Quantas vezes Henrique não matou a fome com um passarinho de espeto? (CcC, p. 19).

Em meio a essa vastidão da miséria e fome no mundo em Marajó, Alfredo busca modificar a sua realidade para não ser engolido por ela. O rebento da morte em um episódio em Araquiza, quase Alfredo morre, depois de ter escorregado da beira de um poço, como se morte quisesse tragá-lo de qualquer forma, ameaçado-o com frequência, decide lutar e resistir contra toda essa diversidade e sua própria realidade, não queria ter o mesmo fim de seu irmão que morreu afogado. Por esse descuido ou destino sua mãe passou a ser mal falada pelo povo, por ser negra e filha de escravo é acusada até de não ser uma mãe responsável. Dona Amélia negligenciou o seu próprio filho ou foi a força destruidora da fome e miséria que explorava e alienava o seu povo?

No entanto, a morte continua a espreitar a vida do menino Alfredo, passando por diversas tragédias e traumas, essas situações trágicas fazem com que possa encontrar forças a encarar as dificuldades para poder conquistar as suas vitórias, seus sonhos, enquanto menino sobrevivente do/na Amazônia. Esse mundo trágico e de muitas vivências levou Alfredo a criar o seu próprio mundo para não sentir as dores da alma de meninos(as) em Marajó. Ao criar ficcionalmente um símbolo representado por um caroço de tucumã que lhe servia de refúgio para sufocar a realidade caótica, lenta, monótona e quase sem movimento em cachoeira. O caroço de tucumã era sua “válvula de escape” para sair das angustiantes realidades marajoara e serviria para transportá-lo de corpo e alma para o mundo do “faz-de-conta”, das histórias e das imaginações, que ele mesmo criará sobre os traumas de vida, as aprendizagens nos espaços e tempos em Marajó. Essa relação dialógica entre o ser e tempo, eu e outro, eu e o mundo educa, forma e transforma enquanto menino.

Representante de meninos(as) do interior, com uma aguçada percepção de inferioridade, desigualdade, humildade, passou a ser humilhado por não ser considerado um menino “normal”. Suas dores, seus traumas, suas perdas se transforma em feridas internas, abertas pelo sonho e pelos sofrimentos frente à realidade ribeirinha, e, por outro lado; feridas externas, abertas pelo seres humanos do interior do Pará, dos campos: símbolos de “atraso” quase sem perspectiva de vida para quem sonha em ter ou construir a sua própria realidade e um mundo diferente. Porém, sugerimos enquanto leituras, que mundo é este e que gente é está?

Nos romances, não encontramos muitas descrições de como nasceu Alfredo, mas poderemos juntar alguns fatos, com o intuito de contextualizar a saga dalcidiana. De fato, Alfredo se apresenta como o principal personagem da trama. Muitos estudiosos e pesquisadores informam que o nascer de

Alfredo se deu pela morte de Eutanázio, personagem que ocupa grande destaque em quase toda trama do romance embrião, *Chove nos campos de Cachoeira*. Depois da morte de Eutanázio, a vida de Alfredo passa a ser recorrente nos romances posteriores. É válido ressaltar que *Eutanázio* aparece nas vozes de D. Gemi: “afinal era um homem apodrecendo por falta de cuidado, duma criatura mais corajosa que não tivesse medo dele” (CC, p. 21). A dor existencial de Eutanázio passa a ser as dores existenciais de sobrevivência, fato que marca para sempre o destino de Alfredo, ao recordar com exatidão de Eutanázio no fragmento a seguir:

O silêncio da exumação de Eutanázio. Quantas covas abri no seu passado. Uma infância doentia, infeliz. Certos desejos, certos sonhos, as inquietações obscuras da adolescência. Os primeiros desenganos ruins demais para a sua sensibilidade, ou melhor, para a sua irritabilidade. Mas enterrara tudo sem saber se estava morto ou não. Daí o seu silêncio de exumação. Obsessão de rever as ossadas, os vestígios certos sonhos, certos desejos que mal se completaram, como fatos, na sua mocidade solitária e inútil (CC, p. 29).

Alfredo sentado no soalho não compreendia as metáforas de “quantas covas abrir no seu passado”, muito menos os motivos que levaram Eutanázio contar histórias trágicas, coisas medonhas que sem querer era o retrato da vida do próprio Eutanázio ou era o retrato de vida da gente em Marajó. Dessa relação e experiência de Eutanázio, exímio contador de histórias e grande intérprete das lendas e do imaginário amazônico. Alfredo no convívio de todos esses saberes se forma, educa-se nas essências para a construção e autonomia de Alfredo, o que se configura como modos de vida do protagonista, exemplos de vida, formação e sobrevivências muitos meninos(as) silenciados e invisíveis no interior de nosso país.

Estes fatos contribuíam para a formação de Alfredo, para que o pequeno tivesse uma boa desenvoltura, assim, lembramos o personagem Alfredo recitando poemas de Acácio Antunes: *O Estudante Alsaciano*. Não foi tão fácil para o personagem digerir, compreender a arte de interpretar, declamar, ler e imaginar, levava dias debaixo da casa decorando para poder recitar. Naquela época, tudo era risonho e franco; Alfredo era virgem, virgem para a vida e para as coisas do mundo, subindo ao palco trêmulo, inseguro, mas com a vaga lembrança das peripécias de seu irmão mais velho, Eutanázio, recordava:

Foi um fracasso. Gaguejava, a poesia mal se punha em pé dentro da memória. Fracasso completo. Recebeu algumas palmas por cortesia, para que ele não saísse do palco debaixo de vaia. Mas sem triunfo, a sua glória foi na intendência. "Recitou-o "Pássaro Cativo". Seus dedos tremiam.

Talvés os teus ouvidos escutassem

Este cativo pássaro...

Foi então que criou em cachoeira fama de menino inteligente e que devia ser aproveitado (CcC, p. 183).

Entre práticas e experiências educativas iniciadas por Alfredo, passou a desenvolver o gosto por um campo de conhecimento tido como: saberes do ser humano, humanidade, sobre os mundos. Suas recitações lhe conferem vê seus medos e como cativo pássaro enxerga a sua vida passar no folhear o catálogo de seu pai. Narrado pelas histórias e anedotas de Eutanázio e a sua insistência em mudar a realidade em que vive, vê a vida passar. Porém a experiências com as letras ao recitar o poema, abre-lhes uma luz frente ao desejo de um dia estudar ou conhecer "arapucas da vida na cidade", vista somente pelos catálogos de seu pai e as histórias contadas por Eutanázio. O sonho ou devaneio foi levado ao seu mundo imaginário, o seu carocinho de tucumã. Alfredo passa a (re)criar um outro mundo, desconhecido para si próprio, mas que marca toda a sua infância. Assim lemos em Dalcídio Jurandir:

com aquela cidade cheia de torres, chaminés, palácios, circos, rodas giratórias que lhe encham o sonho e o carocinho. De olhos abertos para o telhado, pensa na sua ida para Belém. Seu grande sonho é ir para Belém, estudar. A única vez que esteve na cidade era ainda bem pequeno. Mas tem lembrança de tudo que viu (CcC, p. 84).

O protagonista sonha, na esperança de um dia viajar para Belém. A cidade tem algo mágico que desperta em Alfredo muitos sonhos e o seu desejo mais profundo, fugir da realidade de Marajó. Essa percepção de cidade diferente de tudo que já havia imaginado, ouvido e visto em jornais, nos catálogos do Major, nas falas, nas conversas e nas vozes sobre os distintos mundos, nos mais diferentes espaços de marajó causa-lhes fascínio. Essas outras “gentes”, com suas diferenças, crenças, modos de vida, culturas, meios sociais, valores e educação, tidas cívicas era um sonho a se concretizar. No vazio de suas lembranças imaginar é o que lhe restava. Um fragmento que representam as dores e as vontades de fugir do lugar de terras queimadas e secas, pobre e miserável, pode ser visto pelas descrições narrativas, durante os delírios das constantes febres que alcançavam os estágios entre a loucura e o desejo:

A febre faz Alfredo mais agarrado à rede, às revistas, aos caroços de tucumã que joga na palma da mão. Com um carocinho daqueles imagina tudo, desde o Círio de Nazaré até o Colégio Anglo-Brasileiro.[...] Para Alfredo a cidade era seu Ulisses esperando aquele mingau amarelo que mãe Ciana adoçava e esfriava (CcC, p. 86-87).

Em meio a tantas adversidades, imerso em suas dores e angústias não deixa de esperar, luta, reage para conquistar o mais sensível dos desejos: sair de Cachoeira, libertar-se dessa realidade e continuar seus estudos em Belém, a capital dos sonhos e dos desejos do menino. A educação de mundo ao educar a vida de Alfredo, pode ser ressaltado no fragmento a seguir:

Quantas vezes, já com fio da febre ou ainda com febre, não ia chorando se queixar, bater os pés na cozinha onde sua mãe lava as xícaras do café ou mexer a panela: — Mamãe, me mande para Belém. Eu morro aqui, mamãe. Cresço aqui e não estudo. Quero estudar, quero sair daqui! (CcC, p. 185).

Toda essa revolta e indignação o faz ser diferente de outros meninos, o que evidencia uma particularidade ímpar para que Alfredo sempre busca de seus sonhos, o que fica é a determinação que o romance acesse o leitor, que nunca desista de seus sonhos e busque sempre realizá-lo. Os caminhos se tornam mais longos quando estes meninos(as) vivem no interior de nossa imensa ignorância Amazônica, do sítio, filhos das águas e das floretas:

Alfredo chorava, se lamentava, mordida o lençol, ainda cheirando a febre na rede, ficava estúpido e sem forças, coçando feridas com um súbito desejo de sangrá-las mais, abri-las, ficar todo em carne viva, em feridas, querendo fugir de Cachoeira, desaparecer de casa, partir nem que fosse para o Instituto Lauro Sódre (CcC, p. 185).

O desejo é tanto que Alfredo ganha a credibilidade do Major Alberto, pois, o seu carocinho de tucumã passava a ser seu amuleto da sorte e guia. Então, poderia imaginar que o sonho fosse realizado o mais breve possível, com esse raio de luz imagina-se que:

[...] o carocinho de tucumã fez Major escrever uma carta ao intendente pedindo dinheiro, mandando falar nos estudos de Alfredo e depois Major vai à cozinha e diz:

— Arruma a minha roupa que vou levar o Alfredo para Belém, Amélia.

— Mas como? Como? Se Alfredo não tem ainda roupa?

— Bolsa! E é preciso luxo? Para tudo vocês arrumam dificuldades (CcC, p. 222).

Alfredo parecia “doido para sair de Cachoeira, ir para o colégio. A Anglo-Brasileiro era já um sonho perdido” (CcC, p. 198), não se contentava em estar em qualquer lugar Cachoeira, ilha de Marajó, desejava ficcionalmente Belém. Alfredo e seu amuleto de sorte ficam distantes, separam-se por motivos do tempo, na tentativa de conquistar novas áreas, ou melhor, conquistar Belém. A loucura, desejo e o sonho, causa-lhes abstinência:

Alfredo sacode o lençol, o carocinho salta no soalho correndo para debaixo da rede do Major, como se fugisse. E o menino, como que desamparado, pergunta a si mesmo: — E agora? — Major, na rede, parecia proteger aquela fuga [...] Alfredo se aquietou na rede... (CcC, p. 280).

Alfredo não aparece no segundo romance, *Marajó* (1947), essa obra tem como centro outro herói: Missunga. O romance narra os relatos do sofrimento do homem no interior do Brasil, utilizando um discurso sobre os “pobres”, efetivamente na “voz do próprio pobre”, em situação de uma vulnerabilidade social, política, econômica, cultural, educacional, dentre outras mazelas sociais. O olhar de Dalcídio, sobre o seu espaço, sua terra, sua gente, busca a todo custo “inflamar” o público, seus receptores, leitores, em busca de informá-los, denunciar as precárias condições de vida, trabalho, alienação psíquica, física do ser cidadão, do ser gente frente as condições desumanas, mal tratos, formas de escravidão, sistemas de poderes, latifúndios, fazendeiros, madeiros que ditam as regras do jogo e policiam os modos de vida e o tipo de educação e formação que se deve ter.

Essa (in)sensível vida e seus modos de educar frente aos meios sociais, nos quais vivem os povoados das ilhas; terra firme, ribeirinhos, vilarejos que ficam às margens de quaisquer tipos de desenvolvimento. É o espelho de um Brasil séc. XX no Pará, estrutural, patriarcal, machista, colonial, preconceituoso, eurocêntrico, escravista, de cor branca e opressora das forças. Um país que sofre com o descaso do

poder que oprime e legitima a miséria e a barbárie, porém neste romance Alfredo não aparece, se compreende Marajó eu perfil de um outro personagem central Missunga. É válido ressaltar esse apagamento, no sentido de compreender a vida de Alfredo que tanta tece crítica a sua própria identidade, o lugar que nasceu, cresceu e foi criado. Este lugar é Marajó.

No romance *Três Casas e um Rio* (1958), há presença forte e marcante de Alfredo na trama e no drama das disposições ficcionais. Assim, a vida de Alfredo se entrecruza com as histórias de outras personagens: D. Amélia, Eutanázio, Lucíola, e principalmente, Sebastião, tio de Alfredo que insiste em voltar como lembranças. Esse romance foi escrito em 1956 e tece as angústias de Alfredo à espera da viagem para estudar em Belém, coberto de conflitos, vivências, andanças e muita imaginação. No fragmento a seguir, Jurandir (1994, p. 144) discorre sobre um reflexo de um mundo desconhecido por Alfredo sobre as “fronteiras” da vida em Marajó e o desejo de morar em Belém (PA), entendida como:

Deitou-se ao comprido na fontezinha, olhando o fundo da vala. A água descia vagarosamente sobre a lama, arrastando resíduos misteriosos, uma pena de pássaro, uma asa, pequenos naufragos como formigas, sapinhos, mosquitos acompanhando o curso, folhas, reflexos e vozes de outros países diluídas naquele murmúrio leve, por vezes indistinto. Assim, o mundo através daquele leito de vala pareceu complicado, com mil e uma fronteiras, desconhecido como o desconhecido mundo das cidades, a Ásia, a África. Imaginava, por isto, o mundo inteiro visto de cima de uma ponte sobre a lua ou da cauda de um cometa.

A trama gira em torno de “Alfredo, Andreza e Mariinha”, deusas enaltecidas pelo campo da memória. Os principais dramas ficam aos passos do tio de Alfredo que recupera os fatos e as lembranças. Nesse ínterim, percebemos também outros dramas como: o medo do Major Alberto ao per-

der o emprego na intendência, a doença de Mariinha e o alcoolismo de D. Amélia, mãe de Alfredo, poderia dificultar a ira para Belém. Por fim, neste tópico, buscou ressaltar os romances que contextualizam a vida do protagonista em perseguição de seu sonho, em formação e em busca de conquistar tudo que o carocinho de tucumã criou enquanto mundo. Alfredo em Marajó, classificado como seu primeiro momento.

Alfredo e a educação nas margens, uma linha tênue entre saberes

Em um segundo momento, agora já em Belém, aos passos de entender tão desejada conquista, os fragmentos dessa concretização estão no romance *Belém do Grão-Pará* (BGP, 1960), Alfredo tem parte de seu desejo realizado, este romance fala de uma nova realidade, a vinda de Alfredo para Belém. O sonho imaginado pelo carocinho de tucumã se torna realidade. Sua chegada é mais explícita no 3º capítulo dessa mesma obra. O personagem vem “morar de favor”, na casa de parentes, na residência da família Alcântara, em decadência, na conhecida Rua Gentil Bittencourt. Vem com a missão de estudar e “ser alguém na vida”. Neste aspecto, percebemos o nível de ansiedade de Alfredo ao desembarcar no Cais do Porto de Belém (PA):

B'lém, B'lém, Belém, Belém', repetia Alfredo baixinho, imitando Andreza em Cachoeira quando falava da cidade.

“B'lém, B'lém”, já vestido, pronto para desembarcar. Mas esperava a mãe. Seguro nos cabos do barco “São Pedro”, murmurou:

— Oh, mas esta mamãe custa...

E sentia com a própria impaciência o encanto daquela demora (BGP, p. 31).

Alfredo encara a novidade, uma nova vida em uma cidade que ele compara com as imagens que via no catálogo

do pai e nas falas. Já em Belém o menino recorda das tias, as lembranças de Cachoeira vêm à memória. No entanto, tão logo, a sonhada cidade, com uma vida que pulsa em outro ritmo, toma outros ares de desencanto:

Tudo custava. Custou a manobra do barco para entrar no Ver-o-Peso, o cais das embarcações a vela que vinham do Guamá, Ilhas, Salgado. Marajó, Tocantins, Contra-Costa... Até vestir aquele fato novo, feito na loja, custou. A meia custou a entrar, as ligas de borracha apertavam nas pernas onde as marcas de feridas pareciam doer. O sapato, ao calçar, doeu-lhe. Agora, o barco descansava naquele abrigo, ao lado do Necrotério, liberto do mau tempo. Preferia que houvesse atracado defronte das quatro torrinhas do Mercado de Perro que davam a Alfredo a impressão das casas turcas vistas no Dicionário Ilustrado. Ou perto das canoas de peixe, ou na escada junto às embarcações de mel, alguidares, jarros e urinóis de barro? Vermelhos urinóis de barro cozendo ao sol. Mas o "São Pedro", como todas as embarcações do Arari. encostavam sempre ao lado do Necrotério, a proa olhando os velhos sobrados comerciais que se inclinavam sobre a pequena praça para saudar, à maneira antiga, as canoas que entravam e saíam (BGP, p. 31-32).

Alfredo é um grande observador e logo é assaltado pelo excesso de informação das arapucas da cidade, um desconhecido em um mundo prestes a ser descoberto, seu olhar instigante e seu instinto de menino curioso o levam por muitos caminhos. Observador minucioso, guarda tudo em sua memória para ser descrito com saberes em sua caminhada. Sobre esse aspecto, destacamos uma passagem em que vemos o fascínio de Alfredo por Belém: "Alfredo pendurou-se pelo cordame e gritou para dentro da camarinha: — Mamãe, um automóvel! O carro irrompera na curva do bonde, buzinou entre as lojas e as canoas, desaparecendo" (BGP, p. 32). O primeiro contato com a cidade de Belém é descrito da seguinte forma:

Alfredo, então, avançou pela proa e saltou na calçada, pisando o chão da cidade. Viu que andava sobre paralelepípedos. Numa dessas pedras levada pelo Alfer, “moço” da lancha “Atatá”, se apoiava a trempe do fogão da nhá Porcina. Por entre as pedras no chão da cidade grelava capim. Que luz a do seu olhar cheio de uma cidade que era só sua, não daqueles barqueiros, nem de sua mãe nem daquela gente alheia e indiferente que passava. Sua. Mas no ruído, nas vozes do Ver-o-Peso e no íntimo rumor de suas emoções, caía como água de fonte a voz de Andreza: B’lém (BGP, p. 32-33).

A chegada de Alfredo é, simplesmente, a realidade de muitos meninos e meninas que vem morar na cidade, na tentativa de construir uma nova vida. Sobre esse contexto podemos enfatizar que o matuto do sítio, o tio Bimbas na cidade grande nos sugerem alguns questionamentos:

Estaria andando direito como menino da cidade? Escutara a Dadá dizer em Cachoeira: “Ah, conheço rapaz da cidade pelo modo de andar. O andar é outro. Também na cidade saberiam logo descobrir os que vinham do sítio, tios bimbas no caminhar e no admirar tudo? Os meninos, sobretudo, por certo bem vestidos e donos de Belém, com a curiosidade afiada, gostariam de olhá-lo, ouvi-lo pasmar diante do automóvel, imitar-lhe o andar, descido o beijo de matutice (BGP, p. 33).

A realidade urbana aos olhos de Alfredo é um deslumbramento. Assim vemos na seguinte citação:

Deveria fingir indiferença, mostrar que era menino habituado a ver Belém. Mas durou pouco essa prudente resolução. Deixou-se caminhar pela pracinha deserta, entregue ao seu deslumbramento. E livremente estaria pronto para exclamar de novo sobre o que visse, pedras da rua, o tequeteque com o seu armarinho às costas, tabuleiros de pupunha, quiosques, o que ia vendo, pela primeira vez, homens em bicicletas, colegiais, engraxates, meninos tão sozinhos, donos de seus pés, a apanhar bonde, e

bichos, lojas, aqueles anúncios ah, grandes, por cima das casas. E de um fundo de mangueiras, se entreviam pedaços de telhados e cores de palacetes, sobradões, a estátua (BGP, p. 33).

Em Belém, Alfredo mora em muitas casas. Primeiro reside na casa dos Alcântaras, depois na casa de D. Cecé, sua tia, irmã de D. Amélia. Essa trajetória é narrada em *Passagem dos Inocentes* (1967). Essa rua é descrita como um lugar periférico, com muita lama. Uma rua que sempre alagada com as fortes chuvas, um lugar escuro, um lugar distante das avenidas calçadas em Belém. *Passagem dos Inocentes*, que dá nome ao romance, na verdade, era uma passagem central que dava acesso à importante Estrada de Nazaré.

O drama inicia com a visita de Major Alberto, D. Amélia e Alfredo à Areinha, uma pequena vila nos arredores de Muaná, casa do avô materno de Alfredo chamado de Ribiano. Essa visita fez o irmão de D. Amélia, o Sr. Ezequiel, reunir todos os conhecidos da família para celebrarem a visita da família de Alfredo. O Major Alberto fala das vivências na casa de sua tia Cecé em Belém. Em seguida, relembra de fatos marcantes como a descoberta do trauma de D. Cecé, flagrada por cometer adultério com o Sr. Messias, coletor federal em Cachoeira, por conta disso foge para o subúrbio de Belém. No quarto capítulo do romance observamos as diferentes paisagens de Belém. Momento em que Alfredo menciona os inferninhos (prostíbulos) e as obscuridades da cidade. “[...] ali os sobejos do menino? Enterrou naquele chão e em Dolorosa o derradeiro caroço de tucumã? [...] “enterrei mesmo em Santana, na pedra, todos os carocinhos?” (P. I, p. 284).

Na saída da *Passagem dos Inocentes* para o colégio Barão, o filho de major Alberto observa as cenas da cidade. Nesse trajeto encontra com antigos casarões, escolas, vilas, gentes, ruas até chegar ao grupo escolar Barão do Rio Branco, localizado na Estrada Generalíssimo Deodoro, a conhecida e antiga Dois de Dezembro, localizada na antiga Estrada

de Nazaré. “[...] Alfredo ia sabendo, com curiosidade e revolta, a passagem” (PI, p. 183), por sua vez “[...] Alfredo queria apanhar naquelas palavras explicações, enigmas. Não entendia (P. I, 187). Há um episódio na obra em que Alfredo sai da casa de D. Cecé, localizada na Passagem dos Inocentes e vai morar na casa do elegante Coronel Belarmino, na José Pio, local de residência temporária. Sob os cuidados de D. Dudu, conhecida pelo nome de Domingas Amaral, sobrinha do Coronel Belarmino; encarregada de cuidar do casarão do tio. Assim lemos no fragmento segundo Jurandir, (2009) que:

De pé, d. Dudu, avançou o queixo, feito um dente de dragão, um queixo que é uma clava contra o mundo:
— tirava um pedaço da casa você hospedado aqui? O esse da tua rede ia roer tanto a escápula do quarto? Mando fazer outra escápula se assim for o sucedido. Tirou o lugar dum outro?
— Da outra? Queria dizer: a outra?
Alfredo arriscou a pergunta, pôs-se de guarda, remexeu o pirão. Mei-pataca. (P. M, 2009, p. 101).

Portanto, neste tópico busquemos tecer os diálogos em busca de descrever os aspectos envolvendo as formas de saberes educativos pelas quais Alfredo, protagonista enfrenta frente a sua realidade, (re)criam-se e se (re)significam frente suas vivências no interior, passando pelas zonas periféricas até chegar zona urbana. Alfredo em Belém-PÁ:

[...] Rangiam-lhe as pernas, peiando-lhe o passo, primeira marcha a pé da José Pio ao Ginásio, estirão lento. Trazia um cruzado para o bonde, ida e volta, passagem inteira; preferiu andando pela São João, cruza o Igarapé das Almas, espia a missa de Santana, ali ao pé da porta, o São Pedro na sua cadeira. [...] “Abra-me aquela porta, e o resto.” O pé, não beijou. São Pedro avançava a sua sombra e a chave parecia pesar mais. Quebra a São Mateus, entra no largo do Quartel: Lá está, lá está. O Liceu” (M.P, 1967, p. 9).

Neste sentido, nossa tentativa foi demarcar algumas situações do protagonista a partir dos fragmentos de roman-

ces: Chove nos campos de Cachoeira (1941); Três Casas e um Rio (1958) Belém do Grão-Pará (1960), Passagens dos Inocentes (1963), primeira manhã (1967 -2º Edição, 2009) com o objetivo de esclarecer o processo de formação e educação vivenciados pelo protagonista Alfredo. É válido ressaltar as seguintes passagens essa passagem:

Nesta hora, 7,25, a cidade era de novo, de seus dezesseis anos, não da Generalíssimo mas do largo do Quartel. A pé rangendo a marcha, cheirava a cáqui novo, este cheiro de ginasiano verde de quem vai descobrindo no casarão tão feio aquele seu colégio, muito belo, na raiz da montanha ou dentro do carocinho de tucumã. Suada manhã de abril e do primeiranista de humanidades (M.P, 1967, p. 14).

[...]

Basta, basta. O raio abriu a porta do Ginásio, entreabre a janela. Tarde no Ginásio, bom tamanho entre os primeiranistas mirins? Entrava, a moleira amadurecendo, entrava homem, este diploma não lhe deu a Dolorosa? Trazia consigo a penca de menino e menina de Cachoeira e do Muaná, Raimundinho dos pastéis, Antônia da Areinha, Andreza (sem Andreza até agora!), Luciana (me mandem pro Ginásio, que eu quero), deles e delas carregado, para entrar no Liceu, por isso o coração pesava mais, ia ligeiro, o passo rangia mais (M.P, 1967, p. 15).

Portanto, a proposição do artigo foi demarcar a trajetória de Alfredo do carocinho de tucumã ao ginásio. Possibilitando enxergamos os tipos de educação, trocas de saberes e vivências que de forma superficial e resumida apontamos sobre os romances em análise. Por fim, a educação (in)sensível e (in)visível em Alfredo foi um “trato ou condição” (PM. p. 100) sobre as travessias de vida Alfredo se forma, educa e educa-se sobre o impulso do desejo, sonho ou rebento de vidas vivenciadas pelas memórias de Alfredo e as práticas de uma realidade que ofusca os olhos. Sobre o fluxo

da memória, o seu mundo mágico, desejado, sonhado e ardente se faz realidade frente a uma Belém urbana e periférica já em desencanto.

Sobre “o efeito do raio” (JURANDIR, 2009, p. 41), tidos com metáfora do conhecimento, liberdade, experiências, formações, saberes, educação, mudanças de fases, etapas, transformação do eu no mundo, oportunidades, mudanças, novos espaços, tempos, lugares, vidas, realidade, sentimentos, dores, desejos, sonhos e decepções de Alfredo. Por fim, cabe ressaltar que a cada instante de vida Alfredo atravessa as vivências de “um raio para cegar o mundo e deixar-me sair em nudez plena” (JURANDIR, 2009, p. 98). Alfredo no ginásio:

Alfredo tentava compreender. Palavras brancas cobriam-no de cinza e de perplexidade. Cinza nas cabeças, ombros, perfis, silêncios, nuças, o lápis da branquinha desenha a própria distração, tocou a cometa dos bombeiros. Sobre este raio que lhe queima o peito, jorre então a mangueira d’água. Esponja no quadro, giz na ponta do dedo como a própria unha, o lente assoou-se. Que é isto; aprender? Aprender? Saber? Tere ium dom? Repleto dos meninos e meninas de Marajó, sentia-se o mais velho da classe mais obrigado a estudar, o mais exigido. Do interior, ali, era o único? Todos ao feito da cidade, menos este que é a cor do chão, da maré, da Dolorosa, a alfazema, os limos de Santana (M.P, 1967, p. 17-18).

Considerações finais

Sobre as considerações descritas sobre este artigo com o objetivo de tecer algumas reflexões do processo de ensino, formação e educação a partir dos fragmentos de vivências denunciados por meio de sua ironia aguda e perene, de Dalcídio Jurandir, ao flagrar uma época compreendida pelos fins dos anos 20 e início dos anos 50 do século XX. Coloca-nos sobre um con-

texto de abordagem, apresentando-nos universos de interpretações pautados por um olhar que mira à realidade de uma Belém em decadência, sob a ótica da miséria causada à pós ciclo da Borracha no Pará.

No entanto, foi esse olhar sugestivo sobre as travessias de vida e formação de Alfredo que a sociedade silencia, negligência, invisibilizam as formas de educar e educar-se no interior do Brasil, no interior da Amazônia paraense. Aos passos de uma educação (in)sensível de muitos meninos(as) passam a ser problematizados neste panorama entre os romances em que vida e educação de Alfredo se faz presente. É sobre essa *flânerie* que Alfredo faz suas travessias de vida e de educação (in)sensível pelos campos, zonas rurais descritas sobre as ilhas, campos e margens de rios e sua chegada à cidade, nas zonas urbanas e periféricas de Belém, onde a personagem tece seus sonhos, busca suas conquistas e percebe a realidade decepcionante ao chegar ou descobrir que no tão sonhado Ginásio não vale o diploma.

É sobre o “perambular” de Alfredo pelas ruas de Belém, desperta uma tensão/crise constante entre os múltiplos sentidos que transitam entre o real e o psicológico, ou seja, a escola ideal e a escola real. Uma se volta aos saberes empíricos dos diálogos entre eu e eu, eu e o outro, eu e o mundo, (saberes do senso comum); e outro, define-se como saberes de um ensino catedrático, ríspido, formal, que leva somente em considerações os saberes científicos e desconsideram seus contextos e negam os outros saberes. Neste aspecto, a pergunta que fica sobre a leitura do romance se torna pertinente quando questionada: qual o papel da educação para a sociedade? Entendemos que as angustiantes descrições romanescas feitas por Dalcídio Jurandir intensificam essa problemática? Como solucionar? Em outras palavras, Dalcídio Jurandir deixa implícito qual seria o papel da educação? Que tipos de educação temos hoje? Qual a sua realidade e problemáticas?

Por fim, o protagonista Alfredo questiona o modelo de educação no Brasil de maneira incisiva, o protagonista vê uma educação se esvaír pelo tempo: “que é isto; aprender? Aprender? Saber?” (PM., p. 37). Enquanto a sociedade não compreender que deve investir e colaborar para que se tenha uma educação de qualidade, estaremos fadados a “criar” profissionais frustrados, obsoletos, irresponsáveis, duvidosos, e que não passam de meros expectadores das ruínas da humanidade. Alfredo se depara com uma educação que “perde tanto tempo” adquirindo as fórmulas do crescimento cognitivo, pessoal e social, que se distancia dos diferentes saberes que também formam, educam e transformam o sujeito.

Diga-se de passagem, escritores e romancista, como Dalcídio Jurandir (1909-1979) carregou por muito tempo a (in)visibilidade se sua obra, lutava contra o preconceito de alguns críticos do século XX demonstravam em relação aos autores e as produções vindas do interior do Brasil, que acompanha uma certa aversão por não ser canônica e consagrada pela literatura nacional. Causando as ausências de leituras e recepções de seus textos, obras ao público leitor. Entendo como andar contra a maré ou a natureza sistematizada é um desafio que temos que fazer valer a pena e sugerir a potencialidade da arte-literária, o poder do romance e a sensibilidade (re)criados no sentido de contribuir para que tenhamos mais pesquisas e estudos que possam fazer com que não Dalcídio Jurandir (1909-1979), possa ter visibilidade como também, muitos autores que merecem nossa atenção enquanto pesquisador(es), educador(es) e leitor(es) de literatura. Nesse sentido, sugerimos sobre as imagens da canoa, sobre o ir e vir nas águas da Amazônia possam compreender que muitos estudos ainda há de devir. Afirma Nunes (2012, p. 15):

Dalcídio Jurandir, figura humana por vezes polêmica, está a enunciar um novo paradoxo. Parcialmente inter(editado) ele refloresce em diversos trabalhos acadêmicos em vários cantos do país. Desde o estudo da linguagem cabocla elaborado pela profa. Rosa Assis no

início da década de 80 do século XX, até o estudo feito por Willi Bolle, da Universidade de São Paulo, Audemaro Taranto, da PUC Minas, passando ainda por instigantes estudos de Olinda Assmar, Enilda Newman, Pedro Maligo, José Arthur Bogéa, Marly Furtado, Vicente Salles, Themistocles Linhares, Gunter Pressler, entre outros, a obra de Dalcídio parece trilhar uma nova fase, redescoberta que foi pelas trincheiras universitárias, o que ajuda, embora apenas parcialmente, a preencher um imenso vácuo na cultura literária nacional.

Por fim, é a partir desse paradoxo do *visível* ao *invisível*, do *sensível* ao *insensível* que as percepções dalcidianas ganham espaços sobre esse “miúdos” fragmentos, carregados de culturas e distintos horizontes de leituras que não se fecham, se abre as sugestões e as delicadas, profundas denúncias, ironias, educação, formação, cultura, vivências, saberes tecidas sobre os imaginários do universo amazônico, valendo-se das tramas, histórias e os dramas vividos pela gente de pé no chão em trocas, angústias e as suas infinitas travessias de vida. Emergindo em pleno séc. XX o que chamamos de Educação (in)sensível na amazônia paraense e Alfredo como protagonista, deixemos as passagens no sentido de instigar outras leituras.

“Esse caboclinho aí? Passar, não passa. É um dos degolados. Voltazinho pro teu taperi, cria de mariscador”. disse-lhe o empoado louro quintanista ao vê-lo aguardando, tão murcho, a hora do exame de admissão. Rápido, sumário, o veterano degolava, por conta própria, os candidatos. “Vejo pela cara. Vejo pela cara, quem ou não, vai passar.” Alfredo lembrava o Rebelinho, do Barão (M.P, 1967, p. 18).

[...]

Confiava alcançar cedo os seus colegas. Teria cabeça? Isto aqui foi uma escolha ou errei a porta? (M.P, 1967, p. 19).

[...]

“Mamãe, nem sabe como fiquei mudado vestindo a farda do G.P. C. Um trabalho colocar as perneiras. Primeiro errei de perna. Sebo de boi nelas abafa o

rangido? Ou cachaça?...” Riscará esta palavra (M.P, 1967, p. 21).

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6. ed. São Paulo. Unesp: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: A estilística*. [Trad. Prefácio, Notas e Glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: editora 34, 2015. 256p.
- JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1941.
- JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. Edição crítica. 2. ed. Belém: CEJUP, 1991.
- JURANDIR, Dalcídio. *Três Casas e um Rio*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1994.
- JURANDIR, Dalcídio. *Linha do Parque*. Rio de Janeiro: Martins, 1959.
- JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.
- JURANDIR, Dalcídio. *Passagem dos Inocentes*. São Paulo: Falangola, 1984.
- JURANDIR, Dalcídio. *Primeira Manhã*. Belém: EDUEPA, 2009.
- JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. Rio de Janeiro: Martins, 1971.
- JURANDIR, Dalcídio. *Os Habitantes*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.
- JURANDIR, Dalcídio. *Chão dos Lobos*. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- JURANDIR, Dalcídio. *Ribanceira*, Rio de Janeiro: Martins, 1978.
- LUKÁCS, George. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: 34, 2000.
- LUKÁCS, G. Dostoiévsky. In: *Dostoiévsky: a collection of critical essays*. René Wellek (Org.). New Jersey: Prentice Hall, 1962, p. 146-158.
- MORETTI, Franco. *O romance, 1; A cultura do romance* (Org.). Trad. Denise Bottamann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

[Recebido em: 27 mar. 2022 — Aceito em: 10 out. 2022]